

LÍNGUA DE ESPECIALIDADE DA PESCA É METÁFORA CONCEPTUAL?

Cristiane Fernandes Moreira (UFBA)
Emails: svencris@gmail.com; svencris@yahoo.com.br.
Orientadora: Teresa Leal Gonçalves Pereira(UFBA)
tlgp@gmail.com

1 Introdução

O trabalho pretende tecer considerações acerca do fenômeno da metáfora conceptual a partir da TMC (Teoria da Metáfora Conceptual), proposta por Lakoff e Johnson (2002 [1980]) e da ciência que se preocupa em descrever os discursos especializados nas áreas de atividade, a Terminologia, notando que toda profissão possui vocabulário próprio, um glossário que permite comunicação mais efetiva entre os que trabalham em determinada área de conhecimento humano. É uma proposta de estudo que relaciona teoria e empiria. O *corpus* para explorar essa relação é uma proposta de metodologia com base nas aplicações de inquéritos linguísticos com pessoas que trabalham na pesca daquela comuna. É constituído por textos orais, que foram coletados, transcritos e elaborados por Moreira (2010), na sua pesquisa de Mestrado. O método utilizado é o de análise de *corpus* (*corpus analysis*, cf. Gonzalez-Marquez, 2007) em que se explora o fenômeno particular de interesse, e também sobre o que Silva (2012) considera como uma metodologia com base no uso, e a partir do método utilizado pelo Grupo PRAGGLEJAZ (2009), o PIM (Processamento de Identificação da Metáfora). A coleta e análise dos dados segue o exemplo da análise por protótipos.

Assim, é possível apresentar que um dos princípios, uma das primeiras declarações sobre a metáfora se destina aos gregos, e deve-se a Aristóteles a parcela dessa contribuição. Parece razoavelmente abrangente que o conceito aristotélico começa a ser questionado em estudos de diversos autores. Lakoff e Johnson (1980, 2002), por exemplo, compartilham a ideia de que a metáfora representa um papel importante no pensamento, é um fenômeno de natureza conceptual e reflexo da linguagem do cotidiano. Assim, nada obstará, em princípio, que a necessidade de investigações empíricas sobre o processo de compreensão da metáfora possa ser um caminho para desvendar seu *status* epistemológico. E é nesse sentido que aqui se insere a proposta de trabalho cujo objetivo é demonstrar alguns exemplos de metáforas conceptuais decorrentes das experiências cotidianas do universo da pesca da comunidade de Baiacu - Vera Cruz - Bahia. Tecer considerações de como essa língua de especialidade produz, entende, experiencia e compartilha conceitos de uma mesma maneira, como tal grupo compreende essas experiências e como a cultura faz parte dessa interpretação.

2 Métodos e técnicas

O *corpus* desta pesquisa constitui-se a partir dos dados obtidos das entrevistas realizadas por Moreira (2010) para a sua dissertação de Mestrado acerca de as denominações para os pescadores e os apetrechos de pesca da comunidade de Baiacu - Vera Cruz - Bahia, com informantes da área da pesca daquela localidade, e de leitura e levantamento bibliográfico referentes às informações acerca do tema proposto. Como procedimentos, utilizam-se de coleta e análise dos dados, e do PIM. O método é empírico e segue-se o modelo de pesquisa descritiva e qualitativa. Ressalta-se que a descrição utilizada na análise dos resultados é grafemática, conforme proferida pelos informantes, a fim de manter a integridade e fidedignidade dos dados.

2.1 A fonte: constituição do *corpus*¹ e técnicas de pesquisa

¹ O conceito de *corpus* aqui corresponde ao explorado por Deignan (2008) para quem *corpus* pode ser qualquer coleção de textos falado ou escrito. Estes podem consistir no trabalho de um único autor, de certo número de questões de um ou mais jornais, de coleções de dados transcritos da fala ou mais

O *corpus* é relativamente recente e representativo, com dados linguísticos provenientes da variedade da língua oral, *corpus* falado. A esse respeito, cabe citar Siqueira et al. (2007):

[...] não é a recorrência do item lexical metafórico de uma atualização linguística que vai representar a produtividade da sua metáfora conceitual, mas sim as atualizações linguísticas metafóricas em si [...] a produtividade metafórica indica o grau de metaforicidade da sua atualização linguística [...] pode servir como um fator representativo da recorrência de uma metáfora conceitual dentro dos diversos contextos que compõem o *corpus* (SIQUEIRA et al., 2007, p.186).

Inicialmente, a análise das ocorrências metafóricas tomou como base o PIM- Procedimento de Identificação de Metáforas. Esse procedimento sistematiza um conjunto de métodos que refletem o processo de identificação de metáforas linguísticas, e envolve, entre outros critérios: leitura das unidades /conceitos, definições e observações do dicionário; identificação dos itens lexicais potencialmente metafóricos; determinação do seu significado no contexto; busca por um significado mais básico do item lexical; comparação dos significados contextual e mais básico desses itens, e no caso de oposição, marcação do item lexical como metafórico (cf. PRAGGLEJAZ, 2009; SIQUEIRA et al., 2007).

O PIM é assim detalhado:

1. Ler todo o texto/ discurso para estabelecer um entendimento geral do seu significado.
2. Definir as unidades lexicais do texto/discurso
3. (a) Para cada unidade do texto, determinar o seu significado no contexto, isto é, como ele se refere a uma entidade, relação ou atributo na situação evocada pelo texto (significado contextual). Levar em conta o que antecede e o que precede a unidade lexical.
(b) Para cada unidade lexical, determinar se há um significado atual mais básico em outros contextos do que no contexto que estão. [...] significados básicos tendem a ser:
 - mais concretos (o que evocam é mais fácil de imaginar, ver, ouvir, sentir, cheirar e sentir o gosto);
 - relacionados ao funcionamento do corpo;
 - mais precisos (em oposição a vagos);
 - historicamente mais antigos;

Significados básicos não são necessariamente os mais frequentes da unidade lexical. Se a unidade lexical tem um significado atual/ contemporâneo mais básico em outros contextos do que no contexto em questão, decidir se o significado contextual se opõe ao significado básico, mais pode ser entendido em comparação a ele.

4. Se sim, marcar a unidade lexical como metafórica (cf. detalhes em Grupo PRAGGLEJAZ, 2009, p.79).

O Grupo assegura que:

[...] Uma das aplicações mais importantes do PIM é que o conjunto de etapas permite aos pesquisadores saberem em que pontos não concordam, e também permite apontar a razão pela qual se presume que uma palavra tenha significado metafórico no contexto (PRAGGLEJAZ, 2009, p.90).

O procedimento que o Grupo adota é macro estrutural, de modo que se e possível considerar um maior número de palavras que possua um significado metafórico a partir do seu uso no contexto, para se determinar se certas palavras no contexto possuem significado metafórico. Alguns destes procedimentos foram utilizados nesta pesquisa, devido ser avaliados pelos especialistas em metáforas como um método confiável na identificação de metáforas.

amplamente baseado em coleções de uma série de tipos de texto. Os temas linguísticos que podem ser investigados com um *corpus* variam (cf. DEIGNAN, 2008, p.282).

As ocorrências metafóricas foram divididas a partir de casos prototípicos. E tal como averiguou alguns autores que já se debruçaram em torno da protipicidade, observou-se que existe um *continuum* de sentido, sendo que um ou mais sentidos concretos podem ser considerados mais centrais ou prototípicos de uma família de sentidos relacionados. As extensões metafóricas estão entre os principais motivos da polissemia das unidades/conceitos. Foram considerados casos prototipicamente metafóricos aqueles em que foi possível determinar satisfatoriamente uma diferença entre um uso metafórico (mais abstrato) do item lexical no contexto apresentado pela língua de especialidade da pesca e um uso literal (mais concreto ou mais básico).

Ao que se segue, a metodologia consiste em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo na justificativa de analisar teórica e empiricamente o processamento da metáfora. A base para a pesquisa é experiencialista, conforme desenvolvida em estudos de Lakoff & Johnson (2002 [1980]; 2003; 2008), e de outros pesquisadores².

Para o procedimento de análise dos dados, apenas metáforas que são usadas para expressar conceitos foram codificadas em conjunto com suas expressões, pois contribuíram para a descrição do *corpus* em um processo construído sobre a base do significado. Para cada categoria, o componente de significado com a maior frequência na base de dados foi selecionado como ponto de partida de investigação. O recurso ao *corpus* justificou-se na medida em que aquilo que se encontra em observação é o uso dos termos, e não a estrutura interna. Em seguida, os dados foram organizados de acordo com a categoria das metáforas conceituais, de modo a obter uma imagem mais clara dos mecanismos metafóricos mais produtivos na língua de especialidade da pesca.

2.2 Levantamento dos dados

A definição dos dados básicos se fez em dois níveis: primeiro, basearam-se em referências aos estudos da Semântica e Linguística Cognitivas e na teoria da metáfora conceptual de Lakoff Johnson (2002 [1980]; 2003), e outros autores, e nos pressupostos da Terminologia, e de estudos empíricos; segundo, consideraram-se as categorias³ das metáforas a serem incluídas nesse estudo e que espécie de informações era codificada. Aquelas metáforas mais gerais e constantes foram destacadas nessa pesquisa.

2.3 O corpus

O *corpus* desta pesquisa constituiu-se a partir da análise de um *corpus* sincrônico, com base nas aplicações de inquéritos linguísticos com pessoas que trabalham na pesca da comunidade do Baiacu/Vera Cruz/Bahia, sendo trinta 34 (trinta e quatro) homens e uma 01 (uma) mulher, todos eles com idade compreendida entre 21 e 86 anos. A maioria estudou até a primeira série do primeiro grau, conhecido atualmente como segundo ciclo do Ensino Fundamental. As entrevistas duraram cerca de 40 minutos, no mínimo, ou 2 horas de duração. No que tange à transcrição dos inquéritos, alguns critérios foram obedecidos:

➤ 1. Sinais adotados nas transcrições:

- uma pausa menor é indicada por meio de reticências [...], uma maior, por meio de reticências entre parênteses [(...)];
- Incompreensões, dúvidas e suposições de algumas unidades conceituais foram indicadas pelo ponto de interrogação [?];
- as explicações do inquiridor figuram entre parênteses duplos [(())];
- cortes de trechos de fala são indicados por colchetes [[...]];
- Os nomes dos informantes são indicados apenas pelas iniciais maiúsculas;

² Tais estudiosos recorrem aos métodos que relacionam linguagem, introspecção, uso, discurso aplicado à realidade.

³ A Linguística Cognitiva diz que a categorização linguística se processa na base de protótipos (exemplares típicos mais representativos), estes são agrupados por diferentes graus de saliência (não igualdade), por similaridades parciais ou parencas-de-família (conceito tomado de Wittgenstein) e não discricção (ausência de limites e impossibilidade de definições) (cf. SILVA, 2012).

➤ **2. Sobre o contexto das unidades conceituais:**

- a transcrição é grafemática;
- todas as formas foram transcritas da mesma maneira que realizadas pelo falante, compreendendo os termos e ou unidades/conceitos que são objetos da questão e o contexto em que estão inseridos;
- as metáforas conceituais aparecem escritas em letras maiúsculas, devido à convencionalidade;
- o contexto em que se encontram as unidades/conceitos está registrado em itálico, tal como foi realizado pelo informante, e em negrito.

2.4 A comunidade: BAIACU: de onde são os informantes?

Os informantes da pesquisa são pesquisadores artesanais e habitam na comunidade denominada Baiacu. A Vila de pescadores de Baiacu é pertencente ao município de Vera Cruz, situado na Ilha de Itaparica. Distante de Salvador 43 (quarenta e três) quilômetros, está localizada na contra costa da Ilha, possui variação vegetal pertencente à província atlântica: manguezal, restinga e mata secundária. A localidade é remanescente da primeira ocupação da Ilha, em 1560, sendo a mais antiga colônia de pescador que tem a Ilha. No início, século XVI [1560], Baiacu era a mais importante e tradicional das 27 (vinte e sete) comunidades existentes na Ilha de Itaparica, devido a ter sido o único vilarejo onde o jesuíta Luís da Grã e seus companheiros de catequese aportaram e edificaram a segunda igreja católica matriz no Brasil, sob a invocação do Nosso Senhor da Vera Cruz. O termo *Baiacu* tem sua origem no termo *Mayacu*. Com base em dicionários tupi, o termo [maya'ku] é um termo tupi, que desapareceu na época pós-clássica, devido a motivos fonéticos. A diferenciação pode se dever a causas histórico-linguísticas. O termo *Baiacu* deve ter surgido por influência do substrato no campo da fonética. Na conjuntura atual, o que se tem percebido na comunidade é que o topônimo *Baiacu* está em processo de mudança em curso, ou variação, entre os termos [Ba'jaku] e [Baja'ku], fato que pode revelar um retrocesso no termo [Baj'aku], pois o som da vogal oral [o] do tupinambá passou a posterior [u]. O pequeno povoado de Baiacu é composto por marisqueiras e pescadores artesanais que buscam na pesca de peixes e mariscos sua subsistência e única fonte de renda. No que se refere ao manuseio da pesca, os pescadores ainda expressam os hábitos e costumes indígenas, seja no uso de material da pesca, nos hábitos alimentares (farinha de mandioca, bebidas alcoólicas), seja para “perguntar” à natureza se a maré e o tempo estão bons para a pescaria.

3. Referencial teórico

Os gregos foram grandes criadores de metáforas. Mas, para a Retórica, a metáfora era caso próprio de linguagens especiais, como a poética e a persuasiva. De acordo com Lakoff; Johnson (2002), o predomínio dessa visão retórica da metáfora na cultura ocidental se justifica pelo que eles denominam “mito de objetivismo”, pois entendem a linguagem como mero espelho da realidade objetiva. A metáfora passa a ser configurada apenas como figura de linguagem, uma transposição de palavra. No século XX, através de contribuições da Filosofia, começa a se desenvolver questionamento em torno da metáfora enquanto figura de retórica. Em paralelo a essa perspectiva, na década de 70 desse mesmo século e início do século XXI, o modo pelo qual se concebe a metáfora passa a ser de interesse das ciências da linguagem e da psicologia cognitiva. A metáfora passa a ser estudada a partir do aspecto da objetividade, sim, mas também da compreensão, da cultura e do sentido experiencial, sobretudo. É uma via que une objetivismo e subjetivismo, com objeções, claro. Uma via experientialista, cognitivista. Para Lakoff ; Johnson (2002), no novo paradigma, a metáfora passa a ter seu valor cognitivo reconhecido, mudando do *status* de uma simples figura de retórica para o de uma operação cognitiva fundamental. Esse mesmo pensamento já se encontra nos estudos das ciências cognitivas, especificamente na teoria computacional, na inteligência artificial, na neurolinguística, na antropologia, na linguística e na semântica cognitiva, entre outras áreas. Tais estudos preocupam-se em demonstrar como pensamento é estruturado por imagens,

mapeando domínios conceituais distintos. Nesse sentido, assume-se a extensão de conceitos temporais e espaciais por outros campos semânticos e de prototipicidade⁴.

Do ponto de vista de Silva (2012⁵), enquanto a metáfora tem por função a estruturação do alvo em termos de origem, a função da metonímia é a ativação mental do alvo tendo a origem por ponto de referência. Ambos os processos são mecanismos cognitivos básicos da mudança semântica e de inovação e propagação, mesmo porque a mudança semântica envolve (quase) sempre atividade mental específica. Percebe-se que a metáfora conceptual equivale ao pensamento metafórico e este aos domínios mais conhecidos como modelo para domínios complexos. Essa assertiva pode ser representada pela seguinte imagem: MC(metáfora conceptual): $X \text{ É } Y =$ correspondências ontológicas e epistêmicas; mapeamento parcial, unidirecional, automático; base experiencial. Por sua vez, a metonímia conceptual = MC = X está por Y , em que a metonímia = zona ativa e ponto de referência.

Paralelo a essa informação, é possível assinalar que avanços recentes nos estudos da metáfora estão sendo incorporados a partir da teoria do Blending. Enquanto para a metáfora conceptual a fórmula é $A \text{ É } B$; para a teoria do Blending⁶, se tem $A + B + C$ (mas C continua a ser meio de entender A através de B).

De acordo com Lakoff (2010), a teoria do Blending é um complemento à TMC (Teoria da Metáfora Conceptual). Considera tal autor que esta pluralidade não é arbitrária e demonstra que, no domínio da vivência experiencial e mítica da comunidade linguística, cada uma daquelas entidades se encontra ligada a pelo menos uma das outras da mesma categoria, numa série de interligações, partindo da entidade primária ou central.

Os cognitivistas afirmam que a metáfora tem característica e propriedade sistemáticas, tais como: convencionais (grau de novidade da metáfora), sistemática (a maneira pela qual se estabelece um campo de comparações, associando vários conceitos), assimétricas (natureza direcional de uma metáfora, transferência de propriedades) e abstratas (organiza novos conceitos e experiências).

A teoria da metáfora conceptual inserida em um contexto cultural exprime a compreensão que o indivíduo tem do mundo, das pessoas e das coisas a partir de suas experiências e cultura. Alguns autores asseguram não ser necessário distinguir metáfora conceitual de metáfora cultural, já que a metáfora é um fenômeno que engloba aspectos cognitivos, sociais e culturais e também por ser a experiência corpórea a base formadora do sistema conceitual, deve-se admitir que essas experiências surgem do corpo e das interações e relações desse corpo com o mundo cultural, sendo possível afirmar que existe uma interdependência entre as experiências físicas e culturais na formação e utilização de metáforas pelos indivíduos. As metáforas conceptuais referem-se ao nível abstrato do sistema conceptual. Podem ser compreendidas como significação da emissão, do falante. São metáforas geradoras, geram novas expressões. São subjacentes, implícitas.

Os principais tipos de metáforas conceptuais são estruturais, ontológicas, orientacionais e primárias (estas são metáforas 'básicas' presentes em muitas culturas e motivadas por aspectos físicos do corpo humano, ex: AFEIÇÃO É CALOR) (cf. Lakoff; Johnson, 2002; Sardinha, 2007 entre outros autores).

De acordo com Lakoff Johnson (2002) “[...] as metáforas conceptuais são fundamentadas em *correlações* dentro de nossa experiência. Essas correlações experienciais podem ser de dois tipos: co-ocorrência experiencial e similaridade experiencial” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.255). A primeira fundamenta-se em dois tipos de experiências; a segunda, refere-se ao fato de alguém experienciar ações vividas e as possíveis conseqüências dessas ações. Daí os autores afirmarem que: “A metáfora é primordialmente uma questão de pensamento e ação e somente secundariamente uma questão de linguagem” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.253).

⁴ Nos estudos de Rosch (1978), por exemplo, a autora demonstra que a questão principal da teoria do protótipo é a de que se leva em conta a visão do mundo, que é experimentação, experiência. Para Wittgenstein (apud Pears, 1973), algumas categorizações não levam em conta determinada especificidade, como a relação entre membros periféricos e nucleares.

⁵ In Conferência de abertura do 60º Seminário do GEL.USP-São Paulo, 4 a 6 de agosto de 2012.

⁶ Mecanismo mais geral da cognição humana.

3.1 Terminologia: a importância das metáforas no vocabulário de especialidade

Sabendo-se que o uso da metáfora permeia a ciência, exemplos bem conhecidos “o coração é uma bomba mecânica”; “os átomos são sistemas solares em miniatura”; “DNA egoísta”, contribui para compreender o motivo pelo qual a significância das metáforas nas ciências ter sido amplamente discutida por filósofos, que reconhecem seu papel crítico não apenas na transmissão de ideias, mas na própria prática científica. A metáfora na ciência é uma parte central da maneira como as teorias sobre o mundo são formuladas. A ciência, assim como a arte e a religião, é um produto de fluidez cognitiva. Para especificar os atributos da mente moderna tem-se que mencionar o uso de metáforas. A metáfora se infiltra por todos os aspectos do pensamento e forma o cerne da arte, da religião e da ciência. Para entender as ideias, os cientistas estão predispostos não apenas a valer-se de metáforas, mas também a escolher aquelas que recorrem ao mundo social dos humanos.

Assim, em uma língua de especialidade como a da pesca, o conceito de metáfora adquire significados que também dependem da compreensão dos termos específicos utilizados pelas pessoas que compartilham contextos peculiares. É uma abordagem pragmática da metáfora, vai além do que apenas indicar que este é um processo que implica não em uma forma convencional de se referir a qualquer tipo de pessoa, objeto ou localização, mas funciona como uma inferência do tipo experiencialista. A transferência não é tão clara, não é tão imagética. Ao que parece na língua de especialidade, o mapeamento se mantém no nível genérico para tratar de alguma circunstância, revelando a possibilidade de representação de conceitos abstratos em detrimento de verdades absolutas, únicas, incondicionais. Há complexidades inevitáveis, daí os linguistas cognitivistas adotarem a perspectiva de que a verdade depende da percepção humana e a metáfora ser um veículo essencial para essa compreensão, e também depreendem que este é o ponto chave em que a noção de metáfora mais contraria o pensamento aristotélico.

Embora se tenha conhecimento de que a Terminologia, que se ocupa das linguagens de especialidade, surgiu como uma disciplina prescritiva, opondo-se aos estudos científicos da linguagem, aos poucos, tem essa ciência se colocado em uma relação de complementaridade com a Linguística. Ao que se percebe, essa tendência de comportamento já se faz presente em alguns estudos terminológicos. Do ponto de vista de Siqueira et al. (2007, p. 184), a Teoria Sociocognitiva da Terminologia é um exemplo dessa conduta, pois “[...] propõe que [...] tanto a univocidade quanto a polissemia e a sinonímia podem ser funcionais e que as expressões figuradas são parte da descrição terminológica (SIQUEIRA et al., 2007, p. 184)”. Dentro dessa linha da Terminologia⁷ da linguística moderna, tenta-se interpretar e ou descrever os termos⁸, na medida do possível, em paralelo com a descrição semântica, embora, até bem recentemente, quase não se encontrava alternativa que encobrisse essa temática.

⁷Em estudos de Krieger (2004), a autora afirma que Eugênio Wuster é o fundador da teoria terminológica, considerando-a como um campo interdisciplinar, no qual a linguística é um dos campos de convergência, ao lado da lógica, da ontologia, da ciência da informação e das diversas áreas do saber. Deve-se a Wuster, explicita a autora, os primeiros princípios de tratamento dos léxicos especializados, proposição desenvolvida a partir dos anos 30 a que se convencionou chamar Teoria Geral da Terminologia (TGT). Para Krieger (2004), a concepção de Wuster é a de que a Terminologia expressa conceitos e não significados e perpassa a concepção de uma estrutura conceitual de uma especialidade, mas conceitua estruturas científicas e não linguísticas, porque estáveis, paradigmáticas, universais. Essa mesma afirmativa se percebe nos estudos de Oliveira, Isabelle (2009), que reafirma Eugênio Wuster como fundador da Terminologia, e de acordo com a concepção wusterianna, o termo não pode ser considerado como uma unidade que abarca a teoria lexicológica, a Terminologia se apoia sob a prescrição em detrimento da descrição. O objetivo da Terminologia é estabelecer os sistemas de noções para a base da normalização (cf. OLIVEIRA, Isabelle, 2009, p. 28).

⁸ Termo é aqui utilizado no sentido de Cabré (1999), isto é, como associação de uma forma e um conteúdo, que corresponde a um conjunto de traços expressos linguisticamente como uma definição ou uma explicação e coincidentes com um nóculo cognitivo em uma estrutura conceitual.

A partir do desenvolvimento dos estudos linguísticos, presencia-se, nos últimos anos, a possibilidade de se pensar em uma prática teórica que concilie língua de especialidade a um todo de significação. Para Siqueira et al. (2007, p.182):

Entre as pesquisas mais recentes em Terminologia [...] já é consenso a ideia de que esse é um campo de estudo que deve ampliar seu escopo, de modo a englobar a diversidade linguística em todos os seus aspectos- inclusive o figurado. Todavia, ainda são raras as pesquisas enfocando o tópico ‘metáfora’ em Terminologia (SIQUEIRA et al., 2007, p.182).

A isso cabe delinear, em linhas gerais, o percurso da ciência terminológica dos primórdios à atualidade, a fim de tentar justificar o que se propõe como título desse capítulo e chegar a exprimir a importância das metáforas no vocabulário de especialidade. De acordo com Alves (1996; 2002), a Terminologia é um conjunto organizado de unidades léxicas de uma língua que são utilizadas numa mesma sincronia. A autora, ao citar Francis Aubert, assegura que as linguagens de especialidade entendem que os termos não existem em isolamento, nem derivam sua existência apenas de um arcabouço lógico-conceitual, mas se manifestam, circulam e exercem sua função em situação, em uso efetivo. Afinal, como assegura Alves, uma ciência se faz com terminologia.

É possível perceber que, nos estudos de outrora, não era bem visto a ideia de um texto especializado conter termos ou definições terminológicas polissêmicas. Os elementos fundamentais na linguagem técnico-científica era objetividade, clareza e precisão. Na atualidade, a evidência do trabalho terminológico consiste em representar o campo conceitual, e não apenas estabelecer as denominações precisas que garantirão uma comunicação profissional rigorosa. Hoje, entende-se o funcionamento da Terminologia em um contexto mais amplo, no espaço da interação social, com o objetivo de descrever e analisar as variantes terminológicas, levando-se em consideração os avanços da Ciência linguística e da cognição, em detrimento dos propósitos normalizadores. Autores já consideram que a Terminologia é uma disciplina que deve explicitar o semanticismo do termo como signo linguístico. De uma dimensão normativa, que tem por objeto o termo isolado, afastado dos estudos linguísticos, a Terminologia passa, no início do século XXI, a uma dimensão descritiva em que o objeto passa a ser um termo integrado a um todo de significação (cf. KRIEGER, FINATTO, 2004). Entender essa lógica depende da compreensão das categorias constituídas pelo conhecimento lexical dos falantes de uma língua, de reconhecer um vocabulário específico como resultante da própria experiência do sujeito. E isso constitui-se num complemento a par das contribuições da Terminologia, da Socioterminologia e da teoria Sociocognitiva para a compreensão dos mecanismos que intervêm na denominação de conceitos, nomeadamente na seleção de uma dada denominação para um conceito determinado. Esse procedimento consiste no nível da ordenação do pensamento e da conceitualização e representa a dimensão cognitiva da Terminologia. Como revela Temmerman (2009):

[...] Esforços têm sido realizados para compreender melhor as interligações entre as metaforizações existentes na linguagem de um domínio de experiência específico. Essas interligações constituem os modelos cognitivos metafóricos [...] ao contrário do que acreditam as escolas tradicionais de Terminologia, as pesquisas sobre metáforas em linguagens especializadas são relevantes [...] deve-se rebater a afirmação feita pela teoria tradicional da Terminologia de que é preferível o signo linguístico ser arbitrário a motivado quando se busca garantir a univocidade e evitar a polissemia. Se a cognição e a linguagem são vistas como faculdades interligadas, então grande parte dos signos linguísticos estruturados em um MC metafórico mostra sistematicidade e, portanto, são motivados (TEMMERMAN, 2009, p.218-9).

Sobre a teoria Sociocognitiva é viável as reflexões de Temmerman (2000; 2009) que propõe uma metodologia fundamentada na hermenêutica, na semântica cognitiva e no desconstrutivismo. Para ela, a Terminologia Sociocognitiva (doravante TS) é descritiva e parte do pressuposto de que “[...] as palavras não significam objetivamente, mas podem ser interpretadas num processo de comunicação linguística

sobre uma realidade fora da linguagem que também deve ser interpretada” (TEMMERMAN, 2000, p. 42). Daí a autora definir Terminologia, com *T* maiúsculo, para se referir à disciplina que se ocupa dos estudos e das teorias daí resultantes, e com *t* minúsculo, para representar o conjunto de termos de uma linguagem de especialidade. Temmerman (2000) estabelece cinco princípios para a TS: 1- a TS parte de unidades de entendimento que com frequência tem uma estrutura com protótipo; 2- o entendimento é um evento estruturado. Uma unidade de entendimento tem estrutura intracategorial e intercategorial e funcional em modelos cognitivos; 3- depende do tipo de unidade de entendimento e do nível de especialização do emissor e do receptor na comunicação, a informação mais essencial ou menos essencial para a definição pode variar; 4- a sinonímia, a polissemia são funcionais para o progresso do entendimento e dessa forma necessitam ser descritas; 5- as unidades de entendimento são constantemente envolventes (cf. TEMMERMAN, 2000). É uma concepção que argumenta sobre os modelos cognitivos enquanto desempenhadores de um papel no desenvolvimento de novas ideias, e implica que os termos são motivados.

De acordo com Finatto (2007),

[...] boa parte da base dos trabalhos dessa autora [Temmerman] baseiam-se nos diferentes trabalhos de Lakoff e Johnson. Temmerman tomou como referência a ideia de que um dado *sistema conceptual* também vigorará em uma dada ciência ou área de conhecimento e que esse sistema poderá ser compreendido e apreendido através da descrição de especificidades tais como a metáfora, presentes na linguagem que a veícula [...] Temmerman acredita que o raciocínio metafórico, no âmbito científico, é inerente e *historicamente estabelecido*, sendo responsável pela compreensão de novos tipos de fatos, de processos ou de outras categorias do saber (FINATTO, 2007, p.121-2).

Para Finatto (2007), Temmerman traz de atual para a Terminologia o projeto de descrever a maneira como o raciocínio metafórico se expressa, como é utilizado na denominação e na categorização no âmbito das áreas do saber científico e tecnológico. Para tanto, evidencia como os neologismos metafóricos ou neolexicalizações que integram uma determinada terminologia estão relacionados ao processo de pensamento analógico criativo:

[...] Desse processo, a autora [Temmerman] considera que provêm dois tipos de metáfora: as metáforas didáticas (que só servem para uma situação didática) e as criativas (que dão origem a neologismos que podem se consolidar e vir a ser aceitos como ‘termos técnicos de uma linguagem especializada’) (FINATTO, 2007, p.122).

Entretanto, Finatto (2007) assinala a ressalva feita por Temmerman a de que, antes de se estudar a metáfora no cenário das linguagens científicas, faz-se necessário estudar a história da área de especialidade em foco, devido a diacronia desempenhar um papel fundamental na constituição das metáforas em quatro aspectos históricos diferentes: o aspecto social, o técnico, o cognitivo e o terminológico (cf. FINATTO, 2007, p.122). Pois, do ponto de vista de Finatto (2007):

Terminologia [...] é uma área de estudos relativamente nova no Brasil, que se dedica ao reconhecimento dos fenômenos que integram a comunicação técnico-científica de acordo com uma perspectiva linguística, social, cognitiva e comunicativa” (FINATTO, 2007, p.120).

Corroborando com o que assinala Finatto (2007) acerca dos estudos de Temmerman, Siqueira et al. (2007) afirmam que Temmerman defende a necessidade de uma nova abordagem na Terminologia e diz que a pesquisa das metáforas na linguagem especializada possui relevância para essa disciplina. Um de seus postulados é o de que a metáfora é um fenômeno de importância fundamental para os processos de lexicalização:

A Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TSC) defende que parte do conhecimento científico e tecnológico é apreendido através de nossas

percepções sensoriais, como resultado de interação entre a linguagem, a mente, e o corpo humano e o mundo. [...] A TSC propõe que, em relação às unidades de entendimento, tanto a univocidade quanto a polissemia e a sinonímia podem ser funcionais e que as expressões figuradas são parte da descrição terminológica (SIQUEIRA et al., 2007, p.184).

Tanto Finatto como Siqueira et al. declaram que Temmerman investiga o possível impacto da teoria do modelo cognitivo metafórico na teoria terminológica, a partir de categorizações tais como: metáfora do lexema, metáfora da categoria e metáfora da área (cf. SIQUEIRA et al., 2007).

4. Descrição dos resultados

Os exemplos aqui selecionados devem ser compreendidos como esquemas imagéticos, uma vez que o objeto descrito, as metáforas conceptuais na língua de especialidade da pesca, não é uma função da descrição dada, do sentido, mas da relação com o meio que gera o significado. Entretanto, cabe assinalar que, para este artigo, apenas será base de análise apenas uma categoria, a das metáforas conceptuais de Pescador, metáforas provenientes da avaliação (valor) funcional de *pescador*, devido respeitar-se o número de páginas para a publicação. Os termos específicos da pesca são exemplos das expressões linguísticas que materializam as metáforas conceptuais na comunidade do Baiacu-Vera Cruz-Bahia. A organização é baseada na teoria do protótipo, e no PIM, e propõe-se uma categoria específica de expressões metafóricas a partir da TMC, de Lakoff; Johnson (2002 [1980]). Segue abaixo a descrição dos dados.

Metáforas conceptuais de *Pescador*

➤ Metáforas provenientes da avaliação (valor) funcional de *pescador*:

❖ PESCADOR É STATUS SOCIAL; PESCADOR É PARA CIMA PROEIRO É MESTRE

TERMO	SIGNIFICADO MAIS BÁSICO	SIGNIFICADO NO CONTEXTO	EXPRESSÕES METAFÓRICAS
<i>Proeiro</i>	Moraes Silva (1813, <i>online</i>) apresenta como 'Marinhiero dos que vigiam à proa'. Palavra original <i>proëiro</i> .	'Mestre e ou principal responsável pela organização e atividade da pesca'.	1-[...] <i>O proeru é em primero lugá que é o cabesa de (?). Ele fica na proa, ele que cerca os lâsu , ele que, se fô vê xâgô, ele que vê o xâgô, aí, ele que vai na proa, é, é dano instrusãw ao popero[...]</i> (INF. 08, A.G.N., 25 anos). 2- [...] <i>O mestri é a profissãw, lansa a redi no má, não só ele como qualque pessoa pode lâsá, mas compete ao mestri.</i> (INF.06, J.S.P., 86 anos). 3- <i>É o proeru é o mestri da redi. Ele é responsável por tudo porque se, digamos, de madrugada quem chama, quem vai chamá é ele[...]</i> quem é o cabesa é ele, pra chegá ali. (INF. 02, C.P.N., 66 anos).

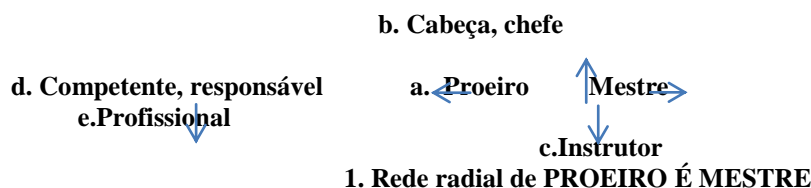
Quadro 1: Metáfora conceptual PESCADOR É STATUS SOCIAL; PESCADOR É PARA CIMA

Em alguns dicionários gerais e etimológicos não se encontram registros do termo *proeiro*, com exceção de Moraes Silva (1813, *online*). Ao comparar os significados contextual

e mais básico (sentido literal) dessa unidade conceptual, e no caso de oposição, marcou-se *proeiro* como metafórico. Esta metáfora permite compreender o domínio alvo PROEIRO em termos do domínio fonte MESTRE, que exprime a ideia daquele que instrui, ensina, e é responsável por transmitir os conhecimentos da labora da pesca, atributos característicos de MESTRE. Esse sentido pode servir de base para a seguinte afirmação de Ribeiro (1984) “ [...] sem um mestre a guiá-los, os três moços queriam apenas uma desculpa para a perda da rede que não souberam manejar direito” (RIBEIRO, 1984, p.257). *Mestre* é o típico conhecedor da cultura da pesca, um guia responsável, pescador mais respeitado entre os demais pescadores e de maior experiência na arte de pescar. Conforme salienta Pelosi⁹ (2012), PROEIRO É MESTRE não é necessariamente e ou que se acredite que seja, pura e simplesmente, uma predicação do tipo “a é b”. Se se perceber que é uma metáfora estrutural, e que o conceito não é tão emergente e, sim, mais implícito, compreende-se que em PROEIRO É MESTRE existe também uma mudança do nome de uma coisa pelo nome de um de seus atributos, uma transferência e correspondência entre domínio (a parte primeira e mais saliente da embarcação é cooptada àquele que desempenha a função principal na pesca, que é o *mestre*), e não similaridade. Assim, a imagem que se tem é de um projeção metafórica. Não implica que A É B, mas que A contém uma característica de B, um modelo A que é transferido para um modelo B. A pertence ao modelo cognitivo de B. A base cultural desse conceito está relacionada com a posição de *mestre*, que pode ser representada através das expressões *proeiro*, *cabeça*, *instrutor*, *profissional*, *responsável*.

Em um documentário intitulado “Pesca de mestre”, ganhador do Prêmio Arruanda, como melhor documentário do ano 2008, exibido pela TV UFBA produzido pela doutora Correia Meirelles, o termo *mestre de rede*, ou simplesmente *mestre*¹⁰, ganha uma extensão simbólica pela forma de comportamento e de como ele [o mestre] agencia a coesão da equipe. É metáfora e metonímia. Por exemplo, a expressão “*cabeça*” parte superior não de um corpo, mas de um conjunto (extensão metonímica); tal como a cabeça é a parte mais importante do corpo, o chefe é o elemento mais importante do grupo (projeção metafórica), e pode corresponder à metáfora subjacente MESTRE É UM CORPO. No contexto em apreço, a expressão “*cabeça*” contém qualificação do domínio da metáfora PARA CIMA e evoca a metáfora subjacente CONHECIMENTO É RAZÃO para traduzir ‘competência’, ‘entendimento’, ‘sabedoria’, ‘responsabilidade’. Para o conceito PROEIRO, a derivação por metonímia se aplica ao suporte material que se faz para a embarcação e serve para o pescador sentar-se ou ficar de pé. Pode-se presumir que MESTRE e PROEIRO são dois domínios cognitivos diferentes, confirmando a máxima de que a metáfora *x* pode pertencer a *y*.

A extensão semântica é polissêmica através da qual se explica os seguintes modelos cognitivos idealizados de MESTRE, domínio fonte, para PROEIRO, domínio alvo:



Nesse caso, PROEIRO vai designar: ‘aquele que é mestre dos outros’, ‘aquele que pode transmitir conhecimentos a outros’. Há uma hierarquia em que se estabelece o primeiro de todos com quem se deve aprender e com quem se inicia a pesca, como revela a expressão descrita no exemplo 1, no quadro acima “[...] *O proeru é em primero lugá que é o cabesa de (?)*[...]”. Os

⁹ Em discussões *on line* via email acerca da análise do *corpus*. Em 19 de janeiro de 2012.

¹⁰ Durante o pronunciamento de sua defesa de Tese, Correia Meirelles (2011) argumenta que *mestre* é símbolo de valores e interações sociais e morais, mas a mestrança é fragmentada, devido a noção de sistema articulada independente que se relaciona de forma intercandeada. Também para a autora, as categorias não são estanques, com isso apresenta o sistema pesqueiro em Baiacu com base em quatro categorias: a dos artefatos, as das funções, as das práticas e a dos arranjos produtivos locais, todas organizadas com base na constituição da própria comunidade.

modelos cognitivos imagéticos correspondem aos domínios do poder e o do saber. Dois domínios paralelos. Logo, uma rede existente pode dividir-se em duas categorias, ou duas redes podem fundir-se numa única. No tipo ontológico, a entidade do DA é *proa* que se relaciona com a entidade do DF *cabeça*. Segundo Grady (1997), poderia se ter, nesse caso, uma metáfora de imagem. A *proa* serve de domínio fonte a ser pinçado para o domínio alvo (*one-shot metaphor*).

No tipo epistêmico, a correspondência entre o conhecimento do DA e DF ocorre entre o domínio do saber e o do espacial demarcando poder, o que revela um acarretamento metonímico. O mapeamento é com saber: emissor de informações, e com a parte superior do corpo humano e do principal componente da embarcação. Essa relação configura-se no valor positivo atribuído ao *mestre*, pois ele serve de modelo cognitivo, sendo totalmente responsável pela base imagética dos conceitos culturais, morais e sociais. A experiência de maior abstratização é a expressão “*cabeça*” que implica relações metonímicas baseadas na corporeidade, na força não física, no todo pela parte, no fundo pela figura, na profissão pelo sujeito. Pode-se ter a metáfora CABEÇA É UM PONTO DE REFERÊNCIA, tal qual assinalam Farias; Lima (2010), em que esta é uma metáfora orientacional, basicamente contém a noção espacial de cima/baixo, e determina ordem/desordem. As autoras apresentam também os seguintes significados de *cabeça*: ‘líder’, ‘ponto vital’, ‘posição’, ‘unidade’ (grupo), ‘ponto de referência’. Assinalam ainda que os conceitos metafóricos correspondem com os significantes culturais. É exatamente o que se percebe na linguagem da pesca cujos significantes culturais são *mestre e proeiro*.

É uma metáfora baseada por correlação do tipo da similaridade experiencial porque se o pescador sabe instruir, ensinar, a consequência dessa ação é ser mestre, e também se fundamenta por analogia a uma das partes da embarcação denominada pelos pescadores de “*proa*”, lugar reservado ao mestre da rede, conforme comprova o exemplo a seguir: “[...] *ele fica na proa, ele é que vai na proa*” (cf.exemplo 1, do quadro). No dicionário de Corominas (1981), ¹ *proa* é proveniente de uma antiga forma romance *proda*, hoje conservada na Itália, resultante de uma dissimilação do latim PRO-RA. A sistematicidade dessa metáfora encontra-se nas seguintes estruturas: *instrução, profissão, compete, responsável*. Através de tais expressões, percebe-se que todo o vocabulário licenciado para falar sobre PROEIRO, DA, origina-se em MESTRE, DF.

De acordo com Delbecque (2006, p.286-7):

[...] magister (mâitre- mestre, dono); magisterium (magistère-magistério) deriva de ‘Maistrie’, do latim ‘magis’, que significa ‘mais’. Do domínio de origem, que é o da quantidade (*aquele que possui mais*), passou-se ao do poder (*aquele que é mestre dos outros*). Domínio do poder, houver depois um deslocamento para o domínio do saber (*aquele que pode instruir os outros*). Finalmente, este deu lugar a uma especialização: ‘maîtrise’ (mestrado), que indica o grau acadêmico de mestre (Magister Artium) (DELBECQUE, 2006, p.286-7).

A autora apresenta esquematicamente o seguinte quadro em que demonstra a passagem do vocábulo *magister* de uma rede a outra: 1.‘aquele que possui mais’ 2. ‘mestre’ 3.→ ‘sábio’4. → ‘acadêmico’ (cf. DELBECQUE, 2006, p.287). É interessante notar a inversão na ordem dos sentidos atribuídos à MESTRE. Em latim, do domínio de origem QUANTIDADE passou para o do PODER, e depois para o do SABER. É o caso de se considerar uma mudança no interior de uma rede radial. O sentido ‘*mais*’ era central tornou-se marginal e o sentido ‘*instrução*’, tornou-se central.

Em se tratando da língua de especialidade da pesca, ocorre uma nova mudança da categoria, mas ainda ligada ao domínio do saber, opera-se um novo deslocamento por extensão metonímica, o conceito PROEIRO acaba por vir a qualificar o saber em geral, senão considere a rede radial representada acima, o que corresponde aos diversos usos para o sentido metafórico de ‘profissão’, ‘grupo social’, ‘função cultural’ (ser membro ou fazer parte de um grupo específico), ‘espacial’ (dentro-fora) e ‘controle’ (sai-entra), confirmando o que Lakoff e Johnson (2002 [1980]) assinalam, isto é, o DA é DF ou DA como DF.

5. Considerações

Diante de alguns exemplos é provável, embora não ainda comprovado que os pescadores da comunidade de Baiacu-Vera Cruz-Bahia demonstrem a máxima de Lakoff e Johnson ([1980]; 2002; 1999; 2008), a de que é possível ver além das “verdades” de nossa cultura. Os diferentes significados dos *termos* formam a categoria, e cada significado é equivalente ao membro dessa categoria. Há significados mais centrais (a exemplo de *cabeça, proeiro, moço, calão de dentro e de fora*) e outros mais periféricos. A polissemia de tais itens/elementos, conforme Lakoff e Johnson, é uma categoria de significados radiais, com um membro central e outros membros na estrutura (que é radial). Cada significado pode apresentar processo metafórico e ou metonímico, ou os dois. O vocabulário é ligado e subordinado à ação. Nas metáforas conceptuais, os pescadores não descrevem o que fazem, mas indicam o que estão a fazer. Esse processo não é realizado por explicações, mas para produzir uma ação, pôr em execução a coisa ou o seu protótipo por manipulação da experiência corpórea, da realidade cultural e dos costumes desse povo e que não pode ser explicada sem uma constante referência a esses contextos mais amplos. Espera-se que este estudo venha a contribuir para os estudos da linguagem nas perspectivas possíveis e igualmente viáveis em relação ao mundo.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Iêda Maria (Org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. *Cadernos de Terminologia*, São Paulo, n.1, FFLCH/CITRAT, 1996.
- _____. A delimitação da unidade lexical nas línguas de especialidade. In: _____. Neologia técnico-científica na imprensa brasileira contemporânea. In: **Actas de RITERM- VII Simpósio**. São Paulo, 2002.
- BATORÉO, H. J. **Expressão do espaço no português europeu**: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997. 930 p.
- CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología**: representación y comunicación. Barcelona: IULA/ Universitat Pompeu Fabra, 1999.
- DEIGNAN, Alice. Corpus linguistics and metaphor. In: GIBBS JR., Raymond W. **The cambridge handbook of metaphor and thought**. New York: Cambridge University Press. 2008, p.280-294.
- DELBECQUE, Nicole. A base cognitiva da linguagem: língua e pensamento. In: _____. **A linguística cognitiva** : compreender como funciona a linguagem. Lisboa: Instituto Piaget, 2006, p.17-48.
- FINATTO, Maria José Bocorny. Reconhecimento da metaforização em linguagens técnicas e científicas: desafios e perspectivas. In: **Organon**, Metáfora em perspectiva, n. 43, Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. v.21 n. 43; 2007, p.119-127, ISSN 0102-6267.
- GRUPO PRAGGLEJAZ. PIM: um método para identificar palavras usadas metaforicamente no discurso. Trad. Dalby Dienstbach Hubert. In: **Cadernos de Tradução. Linguística Cognitiva**. Maity Siqueira (Org.). n. 25, jul/dez-2009 Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2ª reimpressão, n. 25; 2009, p.77-120, ISSN 1807-9873.
- KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria J. B. **Introdução à terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: Chicago University Press, 1980.242 p.
- _____. **Metáforas da vida cotidiana**. Trad. Grupo de estudos da indeterminação e da metáfora (GEIM) sob coord. de Mara Sophia Zanotto e Vera Maluf. Campinas: Mercado de Letras: Educ. 2002.254 p.
- LAKOFF, George. The neural theory of metaphor. In: GIBBS JR., Raymond W. **The cambridge handbook of metaphor and thought**. New York: Cambridge University Press, 2008, p. 17-38.
- MOREIRA, C. **As denominações para os pescadores e os apetrechos de pesca na comunidade de Baiacu/Vera Cruz/Ba**. 2010. 384 f.:il Inclui anexos. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística. Área de Concentração: Linguística Histórica) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, São Paulo, Salvador, 2010.
- OLIVEIRA, Isabelle. Métaphore et terminologie. In: _____. **Nature et fonctions de la métaphore en science** : l'exemple de la cardiologie. Avant-propos de Philippe Thoiron. Postface de Teresa Lino. Paris: L'Harmattan, 2009, p.27-57.
- PEARS, David. **As idéias de Wittgenstein**. Trad. Octanny Silveira da Mota ; Leonidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1973. 106 p.
- ROSCHE, E. **Cognition and Categorization**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Hillsdale, 1978.328 p.
- SILVA, Augusto Soares da. A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. In: **Revista Portuguesa de humanidades**, v.I (1-2).Universidade Católica- Faculdade de Filosofia de Braga, 1997, p.59;101, ISSN: 1808-3498.
- _____. Semântica histórica e cognição. In: **Congresso Internacional 500 anos da Língua Portuguesa no Brasil**, comunicação realizada na Universidade de Évora de 8 a 13 maio de 2000, p. 307-323.
- _____. O poder cognitivo da metáfora e da metonímia. **Revista Portuguesa de Humanidades**, VII, 2003, p. 13-75, ISSN: 1808-3498.
- _____. Protótipos, metáforas e frames: novas tendências da semântica cognitiva como modelo maximalista e contextualizante do significado (Conferência). In: **60º Seminário do GEL** (Grupo de estudos linguísticos de São Paulo). Universidade de São Paulo-Campus Butantã: São Paulo,04,05, 06 de julho de 2012.
- SIQUEIRA, Maity et al.. Identificação de metáforas em uma obra terminográfica: definição de critérios e análise de casos. In: **Organon**, Metáfora em perspectiva, n. 43, Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. v.21 n. 43; 2007, p.181-195, ISSN 0102-6267.
- TEMMERMAN, Rita R. **Towards news ways of terminology description** : the sociocognitive approach. Amsterrdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000.
- _____. Modelos metafóricos e a postura do tradutor frente a textos científicos. Trad. Danilo Nogueira Marra. In: **Cadernos de Tradução: Linguística Cognitiva**. Maity Siqueira (Org.). n. 25, jul/dez-2009 Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2ª reimpressão, n. 25; 2009, p.217-234, ISSN 1807-9873.